



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



## **ALMANAQUE DO POBRE RICARDO: PRINCÍPIOS DA CULTURA NORTE-AMERICANA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NO BRASIL**

Tâmara Regina Reis Sales[i]

Ellen de Souza Bonfim[ii]

Eixo Temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

### **RESUMO**

Esta investigação objetiva analisar os princípios da cultura norte-americana presentes no livro, *Almanaque do Pobre Ricardo*, o qual circulou em escolas brasileiras na segunda metade do século XIX. Para tanto, busquei compreender o livro como um objeto cultural, por ser uma fonte para a História da Educação e de divulgação das práticas educacionais que caracterizaram o comportamento da sociedade norte-americana num determinado contexto e época. Na perspectiva da História Cultural, este trabalho insere-se na História da Educação, especificamente na História do Livro e da Leitura. O referencial teórico pauta-se em Norbert Elias (1994), o qual conceitua o termo cultura, indispensável para esta pesquisa. Um dos procedimentos utilizados é o método indiciário elaborado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) para auxiliar no desvelamento de práticas culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Cultura; Impresso.

### **ABSTRACT**

This research aims to analyze the principles of American culture in the book, *Poor Richard's Almanac*, which circulated in Brazilian schools in the second half of the nineteenth century. Therefore, I sought to understand the book as a cultural object, as a source for the history of education and dissemination of educational practices that characterized the behavior of American society in a given context and time. From the perspective of cultural history, this work is part of the history of education, specifically in the history of books and reading. The theoretical agenda in Norbert Elias (1994), which defines the term culture, indispensable for this research. One of the procedures used is the method evidentiary prepared by Italian historian Carlo Ginzburg (1989) to assist in the unveiling of cultural practices.

**KEYWORDS:** Education; Culture; Print.

### **INTRODUÇÃO**

Esta investigação objetiva analisar os princípios da cultura norte-americana presentes no livro, *Almanaque do Pobre Ricardo*, o qual circulou em escolas brasileiras na segunda metade do século XIX. Na perspectiva da História Cultural, este trabalho insere-se na História da Educação, especificamente na História do Livro e História da Leitura, e é parte de uma dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida com o subsídio da FAPITEC/SE.

O principal objeto da História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Uma das suas principais características é expandir o conhecimento sobre as fontes para utilizar as mais diversificadas nas pesquisas históricas. Esse trabalho embasa-se ainda no conceito de cultura de Norbert Elias (1994), que a compreende como tudo aquilo que distancia o homem da natureza. A cultura diz respeito às práticas sociais, as quais são fundamentalmente civilizatórias abrangendo os âmbitos educacional, econômico, religioso, artístico, político, moral e técnico.

A História do Livro e da Leitura vem interessando pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, e baseiam-se, respectivamente, na descrição dos objetos mais lidos e por quem era lido e, na produção, circulação e apropriações dos materiais de leitura. Esses estudos contribuem para a melhor compreensão dos processos educativos do passado. A História da Leitura surge para entendermos como, em determinadas épocas e sociedades, os indivíduos liam e o que influenciava e determinava suas leituras. Dentro do enfoque da leitura, pensa-se o livro, sendo este composto de elementos que influenciam algumas práticas. Para Darnton (2010), a História do Livro,

[...] vem sendo reconhecida como uma importante nova disciplina. Poderia até ser chamada de história social e cultural da comunicação impressa se essa definição não fosse tão extensa, pois sua finalidade é compreender como as ideias foram transmitidas sob forma impressa e como a exposição à palavra impressa afetou o pensamento e a conduta da humanidade nos últimos quinhentos anos (DARNTON, 2010, p. 189-190).

De acordo com Darnton (2010), os livros impressos devem ser então compreendidos e analisados desde o seu autor ao leitor, considerando que as condições variam de acordo com o local e época de escrita e circulação da obra. Manuscritos ou impressos, os livros também são “objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis” (CHARTIER, 1996, p. 8).

Em relação ao referencial metodológico, um dos procedimentos que foram utilizados na realização desta pesquisa é o método indiciário elaborado por alguns historiadores, como é o caso do italiano Carlo Ginzburg (1989) para auxiliar no desvelamento de práticas culturais. Para Ginzburg (1989, p. 179), ninguém aprende o ofício do historiador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição, pistas, sinais, indícios. “Nenhuma narração pode se sustentar sem indícios ou sintomas” (GINZBURG, 1979, p. 149). Utilizamos este método para compreender e interpretar de maneira mais clara o impresso analisado.

Ao analisar o “*Almanaque do Pobre Ricardo*”, consideramo-lo como um material utilizado para educar determinados grupos na sociedade, buscando indícios para evidenciá-lo como utensílio de propagação de práticas educacionais protestantes. Tais práticas passaram a ser valorizadas no Brasil dos oitocentos, e o modelo norte-americano torna-se referência no campo educacional brasileiro. As ideias de riqueza, progresso, frugalidade, valorizam a cultura norte-americana e são imbuídas no cenário educacional brasileiro por meio de elementos como escolas e igrejas protestantes. Além destas, foram construídos hospitais, já que, segundo Nascimento (2007) o projeto civilizador proposto por protestantes norte-americanos compreendiam a educação, saúde e religião.

## PRINCÍPIOS DA CULTURA NORTE-AMERICANA NO ALMANAQUE DO POBRE RICARDO

O exemplar do "Almanaque do Pobre Ricardo" que analisamos encontra-se em inglês, intitulado *Poor Richard's Almanac*, publicado no ano de 1757 pela Editora *David McKay Company – Washington Square – Philadelphia* e impresso nos Estados Unidos da América. Esta documentação contém 132 páginas e tem formato de bolso. Publicado a partir de 1732, o livro é um anuário de informações gerais, escrito por Benjamin Franklin. Neste, Franklin apresentou diversos provérbios, tais como: "um tostão poupado é um tostão ganhado", "é difícil que um saco vazio se conserve em pé", "a experiência é uma escola rara, mas os tolos não querem aprender noutra", "nada é inevitável, exceto a morte e os impostos". Em seus provérbios ele sempre iniciava com a frase "Como disse o Pobre Ricardo".

O almanaque é um livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem "ler" (PARK, 1999, p. 09). Tem grande importância para a cultura brasileira, devido à quantidade de exemplares que divulgavam e a sua forte presença nas lembranças de leitura dos mais modestos leitores.

Almanaque. De tantos tempos. Renovados pelo olhar que dialoga com um texto perpetuado. Assim como nos calendários, trazem principalmente a marca dos tempos, numa repetição que nunca é a mesma, pois o tempo da leitura tudo modifica. Até o leitor. O alcance e a importância dessa literatura traduz-se pela alta tiragem de exemplares, gratuidade, modelo tipográfico e ampla rede de distribuição (PARK, 1999, p. 16).

Benjamin Franklin esforçou-se para tornar o almanaque pertinente e útil. Seus provérbios continham a sabedoria de muitas épocas e nações, por isso reuniu estes em um artigo, sendo este o prefácio do Almanaque do Pobre Ricardo de 1757.

Observando que era lido por quase toda a gente, raras sendo as pessoas na Província que o não possuíam, considerei-o como um veículo natural para a difusão da instrução entre gente comum, que só excepcionalmente compra outra classe de livros; preenchia, por isso, todos os pequenos espaços livres que restavam entre os dias mais notáveis do calendário, com máximas e provérbios, em especial aqueles que incitavam à aplicação ao trabalho e à frugalidade como meios para alcançar a riqueza, e, desta maneira, contribuía para a virtude [...] (FRANKLIN, 2005, p. 122).

Falar sobre impresso é reportar-se às várias formas materiais, observando e analisando, dentre outros fatores, o suporte e as mensagens contidas, e não apenas adentrando no mundo do texto, mas também do autor e do leitor. Ao analisar o livro "Almanaque do Pobre Ricardo" internamente, para além dos seus aspectos físicos e materiais, buscamos interpretar os conteúdos veiculados, evidenciando, em algumas passagens do texto, como os modos de agir e pensar de Benjamin Franklin influenciaram o seu escrito.

Baseada nas 13 virtudes, as quais Franklin enumerou em sua autobiografia e almejava alcançar, é feita a interpretação desta obra, observando o que está "além dos olhos", através dos indícios captados nas entrelinhas do referido impresso. Estas virtudes são: temperança, silêncio, ordem, resolução, frugalidade, aplicação, sinceridade, justiça, moderação, limpeza, tranquilidade, castidade e humildade. Franklin almejava adquirir o hábito de todas as virtudes, julgou então que seria preferível não dispersar a sua atenção tentando abarcar todas elas de uma única vez, "quando tivesse conseguido dominar uma delas, passaria à seguinte, e assim sucessivamente, até conseguir dominá-las todas [...]" (FRANKLIN, 2005, p. 110).

Segundo Max Weber (2001, p. 20), "de acordo com Franklin, tais virtudes, assim como as demais, só são virtudes a medida em que são úteis ao indivíduo, e a substituição pela mera aparência é sempre suficiente desde que atinja o fim desejado". Além disso, buscamos compreender tais virtudes para além de uma pretensão pessoal, mas também como preceitos de vida ligados as ideias dos *philosophes* americanos do século XVIII, que caracterizaram a cultura norte-americana, já citadas anteriormente, são elas: liberdade, felicidade e leis naturais.

Para esta investigação, pensamos a liberdade como a independência do ser humano, o poder de ter autonomia e espontaneidade. No contexto do século XVIII, era um princípio a ser alcançado, pois esta deveria se estender para toda a população, os indivíduos lutaram para não ficarem submetidos aos serviços dos seus superiores. A liberdade é aqui entendida como uma transição para a vida em sociedade, como descrita no texto "Do Contrato Social", do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau. De acordo com o autor:

O que o homem perde pelo contrato social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo o que tenta e pode alcançar; o que ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo o que possui. Para que não haja engano em suas compensações, é necessário distinguir a liberdade natural, limitada pelas forças do indivíduo, da liberdade civil que é limitada pela liberdade geral [...] (ROUSSEAU, 2002, p. 30-31).

Para Rousseau, os indivíduos devem ter consciência e amor não somente para si, mas para o outro, reconhecendo a necessidade de conviver em sociedade, já que o homem com liberdade natural procura satisfazer os seus instintos, desconsiderando as consequências para com os demais seres humanos. Além disso, de acordo com Ana Maria Sanches (2006, p. 45), a preocupação de Benjamin Franklin com a liberdade ultrapassava os direitos políticos do homem. "Não haveria, segundo ele, verdadeira liberdade do cidadão sem sua independência econômica ou, pelo menos sem que o cidadão pudesse escapar da pobreza extrema". Por isso, Franklin valoriza a Educação e o Trabalho, pois são as possibilidades para uma "sociedade autogovernada, de homens livres comandados pelas leis".

A felicidade é aqui entendida como um direito do homem, esta deveria deixar de ser um privilégio da monarquia, a ideia defendida pelos intelectuais era de que a população deveria ser feliz, possuir uma felicidade comum, e assim aconteceu. Segundo Robert Darnton (2005),

Em 1776 a felicidade deixou de ser um privilégio da aristocracia. Tornou-se um direito do homem, proclamado ao mundo na Declaração de Independência americana: "vida, liberdade e a busca da felicidade". A felicidade em vez de propriedade. A substituição de um termo pelo outro abriu caminho para o direito ao acesso igual às boas coisas da vida (DARNTON, 2005, p.102).

Tal substituição não significa afirmar que a felicidade se opõe à propriedade, mas que é uma extensão da mesma. Ainda na concepção de Robert Darnton, "a ideia de felicidade encravou-se tão profundamente na cultura americana que às vezes desaparece de vista. Ela está em toda parte e em lugar nenhum, como suposição implícita que colore uma visão de mundo [...]" (2005, p. 105). Esta passou a ser entendida pelos filósofos do Iluminismo, no século XVIII, como um objetivo da vida do homem como indivíduo e da existência da sociedade coletiva. Ainda segundo o autor, dentre estes filósofos, John Locke foi considerado um filósofo da felicidade. O filósofo inglês afirma que, assim como a mais alta perfeição da natureza intelectual reside numa cuidadosa e constante busca da verdadeira e sólida felicidade, o cuidado que tomamos para não confundir a felicidade imaginária com a felicidade real é o alicerce necessário de nossa liberdade.

Quanto às leis naturais, John Locke dizia que todos os homens, ao nascer, tinham direitos naturais - direito à vida, à liberdade e à propriedade. A ideia de que as virtudes são adquiridas e não herdadas, está ligada a tese da igualdade natural dos homens, a qual era entendida por Benjamin Franklin como foi entendida por John Locke (1999). Em seu livro "Ensaio acerca do entendimento humano", ele afirma que "a maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato" (LOCKE, 1999, p. 37). O autor completa,

Se, pois, as ideias não são inatas, houve um tempo em que a mente estava sem esses princípios, e, deste modo, não seriam inatos, mas derivados de alguma outra origem. Pois, se as próprias ideias não o são, não pode haver conhecimento, assentimento, nem preposições mentais ou verbais a respeito delas (LOCKE, 2006, p. 51).

Desta forma, todo conhecimento do homem é adquirido, não depende da condição de nascimento, mas o ser humano é dotado de capacidades, destacando o pensar, agir e transformar. Por meio destas capacidades, se obtém a razão, que está particularmente ligada à natureza humana. De acordo com Sanches (2006),

Não menos em Franklin do que em Locke, a razão é a lei de Deus inscrita nos corações dos homens. Mais do que ensinar que não estamos autorizados a destruir um ao outro, ela nos revela que temos deveres uns para com os outros; que somos responsáveis uns pelos outros, dependemos uns dos outros e, em última análise, fomos feitos para servir uns aos outros (SANCHES, 2006, p. 31).

Portanto, a razão é fruto da virtude conhecimento, e, se tal virtude pode ser ensinada, também pode ser aprendida por todos os indivíduos, independente de posição social que este ocupa na sociedade. Este conhecimento deve ser adquirido através da fonte de aprendizado denominada educação, seja ela particular ou pública, desde a educação dada pelos pais aos filhos, até a que ensina um ofício, para que por meio do trabalho e indústria, o ser humano conquiste a sua independência.

Descritas as ideias que permearam na sociedade durante o século XVIII, cabe indagar: De que maneira estas ideias estão presentes no "Almanaque do Pobre Ricardo" O quadro a seguir demonstra como as virtudes listadas por Benjamin Franklin são associadas às ideias dos *philosophes* que caracterizaram a cultura norte-americana no século XVIII, afinal, este homem também foi um *philosophe* do referido século.

**QUADRO 1. PRINCÍPIOS DA CULTURA NORTE-AMERICANA E VIRTUDES ELENCADAS POR BENJAMIN FRANKLIN**

<b>Princípios da cultura norte-americana</b>	<b>Virtudes elencadas na Autobiografia de Benjamin Franklin</b>
Liberdade	Aplicação
	Frugalidade
	Sinceridade
	Justiça
	Humildade
	Temperança

Felicidade	Moderação
	Tranquilidade
Leis Naturais	Aplicação
	Frugalidade
	Sinceridade
	Justiça
	Humildade

Fonte: DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**; tradução Sarmento de Beires e José Duarte. São Paulo: Coleção a obra prima de cada autor, 2005.

Diante da relação exposta no quadro apresentado, pode-se observar que as virtudes morais almejadas por Benjamin Franklin estão ligadas aos ideais da cultura norte-americana do século XVIII. A *aplicação* e *frugalidade* são meios seguros de se obter riqueza e promover a virtude, já que dessa forma, o cidadão torna-se livre das dívidas, dos credores e da pobreza, obtendo o poder sobre a sua liberdade, e facilitando a prática da *sinceridade*, da *justiça* e da *humildade*, as quais garantiram a confiança que Benjamin Franklin obteve do seu país e os honrosos encargos que lhe foram confiados.

A *temperança* era um meio de levar a felicidade a quem conseguisse adquiri-la, para Franklin (2005, p. 116), “à *temperança* atribuo a boa saúde de que gozei sem interrupção, e o que ainda me resta de uma boa constituição”, condições essas que deixavam o indivíduo próspero. Também à felicidade, estão ligadas a *moderação* e a *tranquilidade*, já que através do hábito da virtude moderação, o indivíduo obtém cautela em relação aos ressentimentos pelas injúrias, e através da tranquilidade, mantém o equilíbrio diante dos obstáculos encontrados na vida, ambos favorecendo a felicidade comum da sociedade.

Em relação às leis naturais, elencamos as mesmas virtudes que correspondem à liberdade, já que, as principais leis da natureza são a igualdade e a liberdade do homem. Uma vez conhecida as leis naturais, o indivíduo reconhece os direitos naturais - direito à vida, à liberdade e à propriedade - e devem respeitá-los através da razão.

No entanto, como pode ser encontrada a liberdade, a felicidade e as leis naturais no Almanaque do Pobre Ricardo Ora, tais princípios foram encontrados através das virtudes elencadas pelo autor da obra, as quais são ressaltadas nas narrativas dos capítulos do Almanaque. Segue abaixo um quadro identificando as virtudes almejadas por Benjamin Franklin, que foram elencadas em sua Autobiografia, encontradas na análise feita dos conteúdos abordados nos capítulos do “Almanaque do Pobre Ricardo”.

#### QUADRO 2. VIRTUDES ENCONTRADAS NO “ALMANAQUE DO POBRE RICARDO”

Capítulos do “Almanaque do Pobre Ricardo”	Virtudes elencadas na Autobiografia de Benjamin Franklin
Plano para salvar mil libras	Frugalidade
Dicas necessárias pra aquele que seria rico	Temperança
	Frugalidade
	Aplicação

Conselho para um jovem vendedor	Frugalidade Justiça Sinceridade
A procura do tesouro escondido	Moderação
Observações sobre os selvagens da América do Norte	0
Uma petição da mão esquerda	Justiça
O assobio	Frugalidade
Diálogo entre Franklin e Gout	Ordem
A arte de aquisição de sonhos agradáveis	Ordem Temperança
O Efêmero: um emblema da Vida Humana	0
Para Senhorita Georgiana Shipley	0

Fontes: FRANKLIN, Benjamin. **Poor Richard's Almanac**. Philadelphia: DAVID McKAY COMPANY, Wahington Square, 1757. FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**; tradução Sarmento de Beires e José Duarte. São Paulo: Coleção a obra prima de cada autor, 2005.

Percebe-se então a presença de algumas das virtudes elencadas por Benjamin Franklin nos seus escritos. Desta forma, pensamos que além de almejar adquirir o hábito de todas essas virtudes, Franklin difunde-as para a população, através do "Almanaque do Pobre Ricardo", a fim de moldar o comportamento e hábito da sociedade norte-americana.

No primeiro capítulo do "Almanaque do Pobre Ricardo", Benjamin Franklin demonstrou em seu escrito uma das virtudes que ele elencou como imprescindível, que é a frugalidade. Supondo que metade das despesas seja com coisas supérfluas, Franklin elencou tópicos para "salvar" esta outra metade. Nos tópicos ele dizia que antes de comprar novas roupas, deve-se observar bem as que você já possui e vê se não pode usá-las por mais tempo; se você bebe vinho ou chá duas vezes por dia, passe a beber apenas uma vez, isto economizará e durará mais tempo; enfim, no final do ano sobraria milhares de libras.

Em outra passagem do texto, no capítulo três, além da frugalidade, foi evidenciada a importância da virtude intitulada aplicação. Escritos como "Se lembre de que tempo é dinheiro", "Se lembre de que crédito é dinheiro", "Lembre-se que o dinheiro é de natureza política", "Cuidado ao pensar em suas posses e aceitar o crédito", são sugestões que ele deu ao leitor no decorrer do capítulo, mostrando a importância das virtudes que almejou seguir. Benjamin Franklin finalizou:

Em suma, o caminho da riqueza é tão claro quanto o caminho do mercado, é só desejá-lo. Depende principalmente de duas palavras, indústria e frugalidade; isto é, não perder tempo nem dinheiro, e sim fazer o melhor com os dois. Sem indústria e frugalidade nada acontece, e com elas tudo. Aquele que recebe tudo que pode honestamente e guarda tudo que recebe (exceto despesas desnecessárias), certamente se tornará rico, se aquele que governa o mundo, a quem todos devem procurar uma bênção aos seus esforços honestos, não leva, em sua sábia providência (FRANKLIN, 1757, p. 45-46).

No capítulo seguinte, Franklin narrou uma carta que recebeu, esta é assinada por *Titan Pleiades*. Na carta, o remetente dizia ao General da província da Pensilvânia, na época Benjamin Franklin, que ele não poderia ser ignorante, afirmou existir grandes somas de dinheiro escondido no subsolo de vários lugares daquela

cidade e em muitas partes do país. Após receber a carta, Franklin visitou um amigo, e este assegurou não haver ouro e nem prata no subterrâneo da província. Benjamin Franklin completou:

Este rumor antigo de escavação de dinheiro, através de uma crença de que piratas esconderam, foi por muitos anos acreditado entre nós; de modo que você não anda mais de um quilômetro pela cidade sem ver vários poços escavados, e até alguns foram abertos recentemente. Homens sem bom senso foram atraídos para essa prática por um desejo arrogante de riqueza súbita e uma credulidade fácil do que eles estão ardentemente desejando ser verdade; enquanto os métodos mais racionais e certos de ficar rico são esquecidos (FRANKLIN, 1757, p. 56-57).

Nessa passagem, ficou evidente o ato de moderação defendido por Benjamin Franklin, o qual aconselha que as pessoas evitem os excessos, mantendo sempre o equilíbrio em suas atitudes. Ele concluiu o capítulo com as palavras de um amigo agrícola, Chester County, que deu ao filho uma boa plantação: ““Meu filho”, disse ele, “Eu te dou agora uma parcela valiosa de terra; garanto-te que encontrei uma boa quantidade de ouro cavando lá; você pode fazer o mesmo, mas deve observar atentamente, nunca cavar mais de um arado de profundidade”” (FRANKLIN, 1757, p. 61).

No capítulo seis, uma petição escrita aos que fazem parte da Superintendência da Educação, percebe-se a tentativa da virtude justiça, quando Benjamin Franklin narrou que:

Desde a minha infância fui levado a considerar a minha irmã como um ser de grau mais elevado. Eu sofri ao crescer sem o mínimo de instrução, enquanto nada foi poupado na sua educação. Ela tinha mestres para ensinar a escrever, desenhar, aprender música e outras coisas; mas se eu tocasse um lápis, uma caneta ou agulha, eu era censurado; e mais de uma vez tenho sido espancado por ser estranho e quero uma forma graciosa. É verdade, minha irmã me leva com ela em algumas ocasiões; mas ela sempre fez questão de assumir a liderança, me convidando apenas por necessidade ou para figurar ao lado dela (FRANKLIN, 1757, p. 82).

E finaliza com um pedido aos amigos de juventude, “Condescender, senhores, para fazer meus pais sensíveis da injustiça de uma ternura exclusiva e da necessidade de distribuir o seu carinho e afeto igualmente entre seus filhos” (FRANKLIN, 1757, p. 84), encerrando o capítulo com o termo “a mão esquerda”.

No capítulo sete, são perceptíveis os preceitos da virtude frugalidade elencada por Franklin, evidenciando o ato de não desperdiçar. Em uma das passagens, ele relatou que:

Quando eu era criança de sete anos de idade, meus amigos, em um feriado encheram meu bolso com moedas de cobre. Eu fui diretamente para uma loja onde vendiam brinquedos de criança e sendo encantado com o som de um apito que eu reconheci no caminho nas mãos de outro garoto eu me ofereci voluntariamente e dei todo meu dinheiro. Então eu voltei para casa e passei assobiando por toda a casa, muito satisfeito com o meu apito, mas perturbando toda a família. Meus irmãos, irmãs e primos entendendo o que eu tinha feito me disse que eu tinha pago quatro vezes mais pelo apito, me disseram as coisas boas que eu poderia ter comprado com o dinheiro e riram tanto de mim que eu chorei de vexame; e a reflexão me deu mais desgosto do que o apito me deu

prazer (FRANKLIN, 1757, p. 87-88).

Benjamin Franklin deu vários conselhos para as pessoas não pagarem demais pelo seu apito, e finalizou expondo que “eu considero que grandes partes das misérias da humanidade são trazidas pelas falsas estimativas que fizeram do valor das coisas, e por pagar demais pelos seus apitos” (FRANKLIN, 1757, p. 90).

### **ALMANAQUE DO POBRE RICARDO COMO PRÁTICA EDUCATIVA NO BRASIL**

Na trajetória da pesquisa, buscamos indícios da circulação do “Almanaque do Pobre Ricardo” no Brasil. Alguns textos nos deram subsídio acerca da circulação do Almanaque do Pobre Ricardo nas escolas brasileiras e bibliotecas e escolas de outros países. Segue abaixo um quadro sobre essa circulação no Brasil, durante a segunda metade do século XIX.

#### **QUADRO 3. MAPEAMENTO DOS LOCAIS, ANO E QUANTIDADE DE EXEMPLARES DE CIRCULAÇÃO DO ALMANAQUE DO POBRE RICARDO**

<b>Nomenclatura</b>	<b>Local</b>	<b>Ano</b>	<b>Quantidade de exemplares</b>
Sciencia do Bom Homem Ricardo	Vila de Cachoeira (atual Cachoeira do Sul) - RS	1858	20
Sciencias do Bom Homem Ricardo	Rio Grande do Sul	1859	281
Bom Homem Ricardo	Salvador - BA	1860	-
“A sciencia do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna” ou “O Bom Homem Ricardo” – publicado no Livro do Povo	Maranhão[iii]	1861-1881	Mais de 40.000
Bom Homem Ricardo	Bahia	1871	2.097

Fontes: ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. A modernização do material e do pessoal da Marinha nas vésperas da revolta dos marujos de 1910: modelos e contradições. Revista **Brasileira de História Militar**, v. 03, p. 1-22, 2010. COSTA, Odaleia Alves. Indícios de circulação do "Livro do Povo" de Antonio Marques Rodrigues. In: **17º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: UNICAMP/FE, 2009, p. 1-9. TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **História da Educação**. Pelotas, ASPHE, v. 6, n. 11, 2002, p. 25-51. TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Livros de Leitura nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX. In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Aracaju/SE: Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008, v. 1, p. 1-14.

Nota-se, portanto, que a circulação dos textos referentes ao Almanaque do Pobre Ricardo, de Benjamin

Franklin, se expandiu por várias Províncias do Brasil e perdurou por mais de 20 anos, o que comprova a hipótese de que o Almanaque do Pobre Ricardo circulou em escolas brasileiras na segunda metade do século XIX.

No texto intitulado "Livros de Leituras nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX", o autor Elomar Tambara (2008, p. 01) teve como objetivos "identificar e tipificar os textos de leitura utilizados nas escolas primárias na província de São Pedro do Rio Grande do Sul no século XIX". Tambara afirma ainda que no final da década de 1850, a obra *A Ciência do Bom Homem Ricardo* de Benjamin Franklin, se tornou uma presença frequente até o final da década de 1880. O autor elenca também a "relação dos utensílios pertencentes à Escola publica de instrução primaria da Villa de Cachoeira em 31 de dezembro de 1858", e dentre os materiais, foram localizados "Vinte Compêndios da Sciencia do Homem Ricardo" (2008, p. 5).

Em outro texto de Elomar Tambara (2002), ele afirma que a obra "A Ciência do Bom Homem Ricardo ou Aforismos domésticos para legítimos constitucionais" é um compêndio do "Almanach do bom homem Ricardo", cuja publicação teve imediata circulação no mundo inteiro. "Somente na França, em menos de quatro anos foram comercializados mais de 40.000 exemplares" (TAMBARA, 2002, p. 40).

De acordo com Elomar Tambara, o "Bom Homem Ricardo", era uma texto de leitura de cunho "ideológico-moral", o qual foi distribuído nas escolas públicas primárias, pelo governo provincial, na província da Bahia, em 1871. Ainda na Bahia, segundo Silvia Capanema Almeida, em seu texto "A modernização do material e do pessoal da Marinha nas vésperas da revolta dos marujos de 1910: modelos e contradições" (2010), a autora afirma que nas escolas de aprendizes de Marinheiro de Salvador, no período de 1860, os alunos já "davam Bom Homem Ricardo". Segundo a autora,

*Bom Homem Ricardo* era a cartilha adotada por diversas instituições de ensino da época e consistia na tradução de máximas de Benjamin Franklin com conselhos sobre como enriquecer. Esse manual não era por acaso adotado na formação de praças da Marinha: os textos curtos combatiam a ociosidade e a perda de tempo, indicando o caminho do trabalho em contraposição à vagabundagem, ao alcoolismo, ao jogo, ao desperdício com coisas mundanas (ALMEIDA, 2010, p. 17).

No estudo da pesquisadora Odaleia Alves da Costa (2009), "Indícios de circulação do "Livro do Povo" de Antonio Marques Rodrigues", o qual resultou na sua tese intitulada "O Livro do Povo na expansão do ensino primário no Maranhão (1861-1881)" (2013), a autora levanta informações sobre "O Livro do Povo", o qual foi impresso no Maranhão, pela Tipografia do Frias e com a primeira edição datada de 1861 com 4.000 exemplares.

O Livro do Povo foi um livro didático, composto por diversos textos, desde a questão religiosa a assuntos diversos ligados à moral, entre eles, "O Bom Homem Ricardo", um dos títulos dado ao objeto de estudo desta investigação. Segundo a autora Odaleia Costa, "além do Maranhão, Piauí e Pará, "O Livro do povo" foi adotado na província de Pernambuco, conforme relatório da Directoria Geral da Instrucção Publica [...]" (Costa, 2009, p. 04). Com a tipografia e circulação nessas províncias, observa-se que, no século XIX os centros de produções de livros estavam concentrados na região Norte do país.

Ainda sobre O Livro do Povo, segundo Maria Magalhães e Heloísa Rocha, no texto intitulado "Indispensáveis em todos os lares!" Educação, saúde e ciência nas edições populares da primeira metade do século XX" (2009), tal livro "trata-se de uma obra com intenção de uma dupla circulação: o ambiente familiar e as escolas primárias. Dos dez mil exemplares, em duas edições, 5.200 foram distribuídos nas escolas" (2009, p. 09).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe história sem documentos, portanto as fontes escritas são documentos importantes para o historiador. Para esta investigação buscamos analisar a presença de elementos da cultura norte-americana na cultura brasileira, através da análise do livro "Almanaque do Pobre Ricardo", de autoria de Benjamin Franklin.

A crítica dos costumes era o objetivo principal do "Almanaque do Pobre Ricardo". Benjamin Franklin observava os acontecimentos e, através de provérbios conhecidos e reelaborados, oferecia críticas através deste periódico instrutivo. Observar a maneira que o "Almanaque do Pobre Ricardo" foi escrito e a forma como contribuiu para a população da época em que circulou, levando conhecimentos úteis, é uma tarefa importante.

Durante o período de publicação e anos posteriores, um almanaque era encontrado em qualquer casa norte americana, sendo este o único material impresso que circulava na sociedade e de fácil acesso. Pode-se perceber então o quanto essa forma popular de literatura, que continha diversos conhecimentos, se propagou, obtendo importância para a população, transformando seus hábitos e valores. Analisar este impresso e a sua relação com a educação norte-americana e brasileira é um trabalho indispensável para os pesquisadores em história da educação. Além disso, a grande tiragem de exemplares impressos e postos em circulação nos revela o quanto essa obra foi difundida no território do Brasil, deixando um legado da sua importância para a sociedade brasileira.

## FONTE

FRANKLIN, Benjamin. **Poor Richard's Almanac**. Philadelphia: DAVID McKAY COMPANY, Wahington Square, 1757.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. A modernização do material e do pessoal da Marinha nas vésperas da revolta dos marujos de 1910: modelos e contradições. Revista **Brasileira de História Militar**, v. 03, p. 1-22, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COSTA, Odaleia Alves. Índícios de circulação do "Livro do Povo" de Antonio Marques Rodrigues. In: **17º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: UNICAMP/FE, 2009, p. 1-9.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Passado, presente e futuro. São Paulo; Companhia das Letras, 2010.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,

1994.

FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**; tradução Sarmento de Beires e José Duarte. São Paulo: Coleção a obra prima de cada autor, 2005.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. Torino: Einaudi, 1979. In: ECO, U e SEBEOK, T. A. (orgs.). **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução: Maria da Penha Villalobos e Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução: Anoar Aiex. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi; ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. "Indispensáveis em todos os lares!" Educação, saúde e ciência nas edições populares da primeira metade do século XX. In: **Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**, Rio de Janeiro e Niterói, 2009, p. 1-14.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Imprensa protestante nos Oitocentos**. Projeto de Pesquisa. Aracaju: Unit/PPED, 2007.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ROUSSEAU, Jean Jaques. **Do contrato social**. Tradução Ronaldo Roque da Silva. [S.I]: Edição Ridendo Castigat Mores, 2002.

SANCHES, Ana Maria Brito. **Virtude, Trabalho e Riqueza**. A concepção de sociedade civil em Benjamin Franklin. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. (Dissertação de Mestrado em Filosofia).

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **História da Educação**. Pelotas, ASPHE, v. 6, n. 11, 2002, p. 25-51.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. In: **26ª Reunião Anual da ANPED: Novo Governo. Novas Políticas** Poços de Caldas: Minas Gerais, 2003, p. 1-16.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Livros de Leitura nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX. In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Aracaju/SE: Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008, v. 1, p. 1-14.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2. ed., rev. São Paulo: Pioneira, 2001.

[i] Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes. Bolsista PROCAPS – UNIT e FAPITEC/SE. Graduada em Matemática Licenciatura pela Universidade Tiradentes. Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/Unit/CNPq). E-mail: tamara.sales89@hotmail.com

[ii] Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes. Professora de Matemática da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/Unit/CNPq). E-mail: ellen\_bonfim@hotmail.com

[iii] De acordo com Odaleia Costa (2013, p. 92-93), “os livros publicados nas tipografias do Maranhão no século XIX circularam nas melhores livrarias do país. [...] o *Livro do Povo* foi comercializado por Francisco Tavares da Costa, que era proprietário de uma livraria em Maceió, província de Alagoas, situada na Rua do Comercio, 72. No Pará, este mesmo livro foi comercializado por José Maria da Silva, proprietário da Livraria Comercial situada na Calçada do Collegio. Em Fortaleza, província do Ceará, o livro foi vendido por Joaquim José de Oliveira, o mais antigo dono de livraria e iniciante dessa ramo de comércio no Ceará. Nesta mesma província esta obra foi vendida também no interior em Acaracu, hoje Acaraú, por Theofilo Ferreira. Em Pernambuco, cuja imprensa tipográfica, segundo o próprio Frias, se igualava à imprensa tipográfica do Maranhão, *O Livro do Povo* foi vendido por José Nogueira de Souza, editor entre os anos de 1889 e 1899 dos *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* de Tobias Barreto. Também em Pernambuco, foi comercializado por Lailhacar, importante livraria pernambucana. Na mesma província era possível encontrar *O Livro do Povo* nas prateleiras da Livraria de Manoel Figueroa de Faria, olindense filho de portugueses, que abriu uma livraria em sua cidade natal, em meados de 1831. Da mesma forma, o *Livro do Povo* era encontrado na principal casa editorial brasileira – E. & H. Laemmert, no Rio de Janeiro, sede da Corte Imperial”.